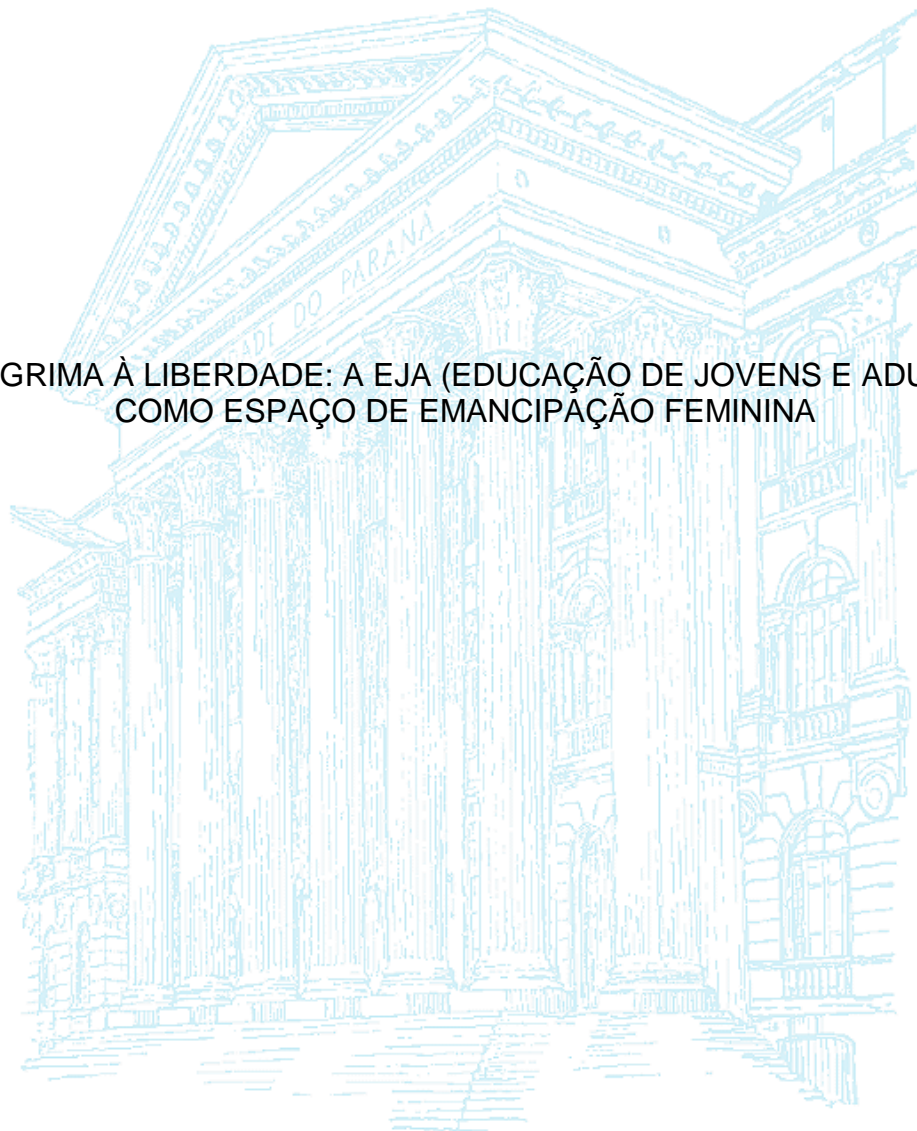


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARLOS ROBERTO RODRIGUES

DA LÁGRIMA À LIBERDADE: A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)
COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO FEMININA



ITAJAÍ
2016

CARLOS ROBERTO RODRIGUES

DA LÁGRIMA À LIBERDADE: A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)
COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO FEMININA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Nadia Terezinha Covolan

ITAJAÍ
2016

DA LAGRIMA À LIBERDADE: A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO FEMININA

ESTUDANTE: CARLOS ROBERTO RODRIGUES

PROFESSORA ORIENTADORA: NADIA TEREZINHA COVOLAN

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar os fatores motivacionais para a evasão precoce do ensino regular e os fatores para a reinserção escolar por meio da EJA para mulheres de uma escola do município de Itajaí em Santa Catarina e qual a relação deste com o trabalho e sua autonomia. Para atingir o objetivo e conseguir os dados necessários para tais discussões foram utilizados como instrumentos de coleta de dados um questionário semiestruturado aplicado às alunas que frequentavam a EJA no ano de 2015, no Centro de Educação de Jovens e Adultos de Itajaí, perfazendo um total de 6 (seis) alunas, além de pesquisa bibliográfica sobre o tema de estudo. Mostraremos que para as participantes da pesquisa a melhoria no campo do trabalho e a sua independência está calcada, também, na sua formação educativa e em estreita relação com o retorno a EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; EJA; Gênero

ABSTRACT: This article aims to analyze the motivational factors for early dropout from the regular school and factors for school reintegration through adult education for women in a school in the city of Itajaí, Santa Catarina and of a relationship with the work and autonomy. To achieve the goal and get the necessary data for such discussions were used as semi-structured data collection instruments a questionnaire administered to students attending the adult education in 2015, on the Youth and Adult Education Center, for a total of 6 students, as well as literature on the subject of study. Show that for the participants of the research the improvement in the labor area and its independence is grounded also in their educational training and closely linked to the return to adult education.

KEYWORDS: gender; adult education; education

INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo em que a mulher ainda é vista como um ser humano inferior ao homem, justificando, assim, o total desrespeito a elas e a conseqüente aceitação da submissão e subserviência. Às mulheres, nesses conceitos retrógrados, só não é negado o direito de trabalhar dupla ou tripla jornada de trabalho explorador e ainda cuidar da casa, de seus filhos e de seu marido (Eggert 2009, p.226). A mulher teve um acesso restrito a escolarização devido à cultura patriarcal que valoriza a ascensão social do homem, sendo submetida a atuar em outros papéis onde não favorecia o contato com a cultura e o uso do código linguístico e letrado. Para a mulher bastava apenas saber sobre os cuidados da casa e dos filhos. Segundo Perrot (2007), o pouco registro escrito deixado pelas mulheres ao longo da história, devido a sua exclusão das instituições formais de ensino, é um fator complicador na pesquisa sobre mulheres. Para Gebara (2000), com pouca história escrita pelas mulheres, ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser totalmente controlado pelos homens, sendo assim, ela afirma que “um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão” (2000, p. 117). Questões como o casamento, a maternidade e o trabalho, permeiam a vida da mulher e na maioria das vezes são imprescindíveis para determinar suas escolhas. Embora as mulheres tenham conquistado um espaço significativo nas relações sociais, no mercado de trabalho e efetivação de seus direitos, existem muitos caminhos a percorrer para que sejam realmente respeitadas e reconhecidas em nossa sociedade. Considera-se que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) seja um desses caminhos que podem ser percorridos pela mulher e que favorecerá neste processo de emancipação feminina. Compreender estas escolhas e como elas se relacionam com a EJA, é um dos desafios dessa pesquisa, que tem como fio condutor, investigar e analisar o que estas mulheres buscam na Educação de Jovens e Adultos. Sendo assim, através da pesquisa de opinião, pretende-se compreender com mais intensidade esta íntima ligação de gênero com a Educação de Jovens e Adultos.

A procura das mulheres pela formação na Educação de Jovens e Adultos vem tendo um crescimento significativo. Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 54% dos alunos da EJA são mulheres, com baixa renda e na faixa etária entre 18 aos 39 anos, que frequentam principalmente o segundo segmento do ensino fundamental ou ensino médio. Evidencia-se, portanto, através destes dados, que fatores ligados às questões de gênero, têm grande interferência na formação das turmas de Educação de Jovens e Adultos. Louro (1994), ao se referir à construção escolar das diferenças afirma que a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para ricos e para pobres e ela imediatamente separou meninos e meninas. (pg. 57).

A Educação de Jovens e Adultos não é um assunto recente na pedagogia, uma vez que ela já existe há muito tempo. No entanto, estudos que envolvem a Educação de Jovens e Adultos ainda são muito poucos, se comparados a outros temas da educação. Canário comenta esse respeito:

A Educação de Adultos, tal qual a conhecemos hoje, é um fenômeno recente, mas não constitui uma novidade. Concebendo a educação como um processo largo e multiforme que se confunde com o processo de vida de cada indivíduo, torna-se evidente que sempre existiu educação de adultos (CANÁRIO, R. 1999, p. 11).

A EJA é a modalidade de ensino que mais reflete as consequências de políticas públicas tímidas voltadas para a educação na sociedade brasileira. Ao longo da história da educação no Brasil, observa-se que esta modalidade educacional quase sempre esteve à margem das prioridades governamentais. Quanto a essa modalidade de ensino as alunas matriculadas na EJA de Itajaí são na sua maioria constituídas por mulheres com média de 35 anos de idade e que as razões para isso estão nas altas taxas de empregabilidade feminina devido à inserção no mercado de trabalho, mudanças de costume (machismo) e as exigências da crise econômica que forçaram as mulheres a buscar o sustento fora do lar.

As mulheres ganharam o mundo do trabalho e agora ganharam também as salas de aula. Já são presença majoritária de educação de jovens e adultos

e, segundo elas, “correm atrás do tempo perdido”, ou seja, de uma época em que suas vozes eram silenciadas. (SILVA, R. 2007, p. 04).

As mulheres participam com mais desenvoltura nas aulas, mesmo tendo recebido uma educação mais rígida pelo sistema de opressão patriarcal que lhes tem sido imposta há séculos.

OBJETIVO GERAL

Investigar e analisar o que as mulheres estão buscando através de sua formação na EJA, a fim de compreender os fatores que motivam esta busca.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar o perfil das mulheres que frequentam a EJA;

Identificar os principais motivos que levaram as mulheres ao abandono do ensino fundamental;

Conhecer os motivos pelos quais as mulheres estão frequentando a EJA;

METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada para a realização desse estudo envolverá a pesquisa de opinião com aplicação de questionário para alunas que frequentam a Educação de Jovens e Adultos em escola pública que oferta a modalidade de EJA equivalentes ao ensino fundamental e médio. Os instrumentos de pesquisa serão compostos de questionários com perguntas abertas e fechadas. A população que pretendo entrevistar são (6) seis mulheres, a partir de 18 anos de idade, que frequentam a modalidade de Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública de Itajaí administrada pela rede estadual de educação. Serão três alunas do Ensino Fundamental e três alunas do Ensino Médio. O tipo de amostra foi definido pelo método não probabilístico pelo fato de não ter uma informação precisa dos elementos do

público alvo. Portanto, utilizarei a seleção de forma acidental, ou seja, escolherei a referida escola, pois há maiores chances de encontrar o público alvo de estudo.

Estes procedimentos metodológicos são adequados para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes das entrevistadas e permite realizar projeções para a população representada.

Traz também o caráter qualitativo e exploratório, pois estimula as entrevistadas a pensar e falar livremente sobre o tema, fazendo emergir aspectos subjetivos atingindo motivações não explícitas ou mesmo não consciente de forma espontânea.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O ambiente onde ocorreu a pesquisa de que trata este trabalho foi uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos, localizada na EJA de Itajaí em Santa Catarina.

Os alunos Jovens e Adultos da EJA nesta escola são jovens que tem 15 anos ou mais e são egressos do Ensino Fundamental e Médio Regular de outras escolas e adultos trabalhadores que precisam concluir seus estudos para garantir o seu emprego ou conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Há também muitas mulheres que voltam à sala de aula, depois de ficar sua juventude trabalhando nas lides domésticas e criando seus filhos. Agora querem realizar-se como pessoas, estudando e participando de outros ambientes para além do familiar.

O perfil das alunas foi elaborado através de questionário e elaboração de perguntas sobre os motivos que levaram as alunas a abandonar ou não ter frequentado a escola em idade regular e qual mudança ocorreu em suas vidas após a volta aos estudos. Foram entrevistadas 6 (seis) alunas as quais preferiram o anonimato, mesmo assim foi solicitado para escolherem um pseudônimo que lhes agradasse. As entrevistadas foram Lucia (27 anos),

Maria (45 anos), Márcia (47 anos), Isabel (56 anos), Amélia (57 anos) e Marta (62 anos).

Das alunas acima citadas Lucia é casada, Maria, Márcia e Amélia são viúvas, Isabel e Marta são divorciadas.

Observam-se, no quadro abaixo, as funções que as entrevistadas ocupam:

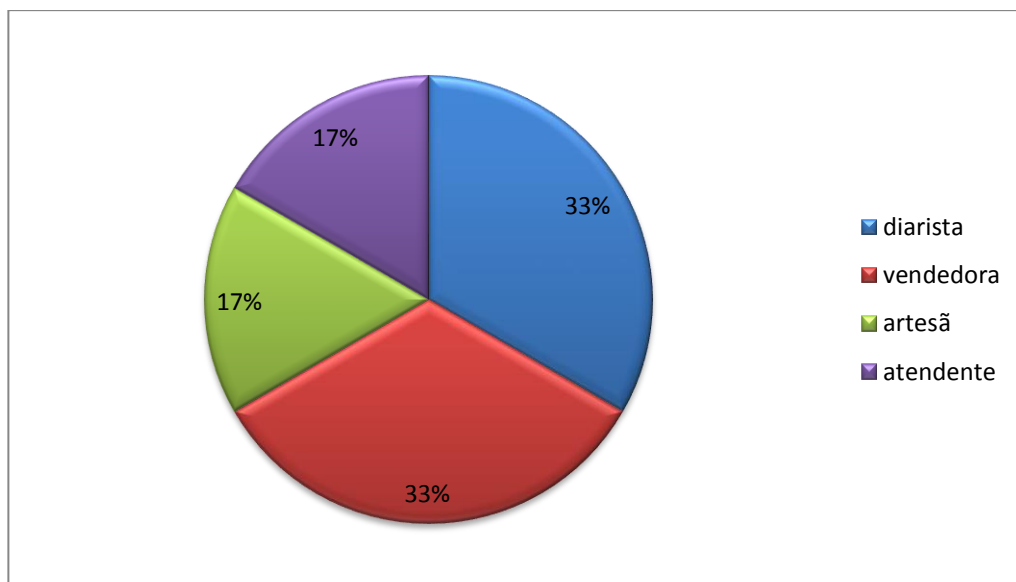


Gráfico 1 Atividade remunerada

A questão da função que ocupam atualmente reflete o pouco estudo que possuem, pois precisam desempenhar funções que não são aquelas que gostariam, mas relataram que são muito dedicadas e agradecidas pelo que fazem.

Indagadas sobre os motivos que levaram as alunas a abandonar ou não ter frequentado a escola em idade regular e qual mudança ocorreu em suas vidas após a volta aos estudos, a entrevistada Lúcia (27 anos) respondeu:

(...) desde a adolescência tive que trabalhar para ajudar em casa e abandonei a escola na 6ª série. Há dois anos voltei a estudar e pretendo concluir o ensino médio e fazer um curso superior. Sou casada e me sinto vigiada pelo meu marido, pois ele vem me trazer e buscar na escola, às vezes fica ali na frente me esperando sair, quando chego em casa pede para ver meu caderno, quer ver se tem conteúdo (...). Faço artesanato em casa (...), não porque eu quero, mas porque meu marido não me deixa trabalhar fora. (Lúcia, 27 anos)

Em seguida a aluna Amélia (57 anos) relatou:

(...) Sou de origem japonesa tenho três irmãos homens, todos formados, um deles é médico e os outros dois são engenheiros. Eu só não estudei porque meus pais eram muito rígidos e diziam que mulher não precisava estudar, apenas tinha aprender os afazeres domésticos, atualmente sou viúva, graças a Deus, pois sofri muito com meu marido, hoje eu vivo, consigo estudar, sair com as amigas, quero muito fazer enfermagem na faculdade, é meu sonho desde pequena. (Amélia, 57 anos)

A fala dessas alunas confirma e revela a dramática situação de milhares de mulheres que viveram ou ainda vivem amedrontadas, dominadas e submissas. A concepção de mulher, como ser inferior e, conseqüentemente a sua dominação pelo homem, acontece desde muitos séculos a.C. Em Teles e Melo (2002) vimos que seu confinamento ao lar e sua subserviência ao homem foi decretada pelo legislador grego Sólon de Atenas, em 594 a.C., o qual proibia a mulher de sair à noite e as mantinha em casa durante o dia, também. Este relato se encaixa em Kolontai (2007) “a crise sexual se agrava muito mais com a ideia do direito da propriedade de um ser sobre o outro e o preconceito secular da desigualdade entre os sexos em todas as esferas da vida” (p. 51-52).

As Entrevistadas Maria e Márcia viúvas, relataram que o casamento e a maternidade impediram de estudar no tempo certo, mas que graças ao incentivo dos filhos conseguiram retomar os estudos.

A aluna Isabel (56 anos) divorciada, disse:

(.) hoje sou uma mulher feliz, independente, quando casada a minha vida era esfregar a casa, meu marido me presenteava com artigos domésticos, só cuidava da casa e dos filhos. Quando pedi o divórcio meu marido não aceitou, tive que entrar na justiça (...). Sozinha sou mais feliz, fiz um curso técnico e hoje sou vendedora, tenho meu próprio dinheiro, vou recuperar o tempo perdido, vou ser advogada.

A aluna Marta, divorciada relatou que quando casada tinha que cuidar da casa, dos filhos e ainda trabalhava fora como babá. Era uma vida sofrida, mas acreditava que era normal. Seu marido era viciado em jogo de baralho, gastava o que tinha e o que não tinha para sustentar o vício. Sempre foi agredida verbalmente pelo marido, mas quando ele a agrediu fisicamente, acabou separando-se judicialmente.

Assim, observa-se que os motivos elencados pelas entrevistadas, para retornarem aos estudos, foi o desejo de realizar seus sonhos, sua independência. Nesse sentido houve um aumento significativo da autoestima.

Essas mulheres alunas da EJA, ao avaliarem sua própria imagem, definem-se como novas mulheres, pois romperam com a submissão e servidão a seus companheiros. Conforme Kolontai, elas apresentam-se lutando pela vida, de uma forma independente, buscando seus sonhos, seu espaço social e exigindo seus direitos. Dia a dia afirmam sua individualidade, não parecendo apenas à sombra de um homem.

De acordo com Gebara (2011) elas estão lutando agora contra o “mal” de não saber, porque ao voltarem para a sala de aula buscam aprender conhecimentos, buscam adquirir letramento do qual estavam alienadas. O saber que pertencia a outros, agora poderá ser apreendido por elas, afim de que se sintam inseridas socialmente.

Conhecimentos estes, de extremo significado, principalmente, ao que diz respeito à escolarização, pois tem convicções de que a porta da saída para sua independência está calcada, também, na sua formação educativa. Conforme Amartya Sen (2010) a instrução reforça a agência feminina e torna a mulher mais bem informada e qualificada para agir. A liberdade para procurar e ter emprego remunerado fora de casa reduz a privação das mulheres. E é essa afirmação que proporciona escolhas de caminhos melhores, com perspectivas melhores para a integridade física, intelectual e psicológica da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta da mulher pelo seu espaço como ser inteligente de uma sociedade, ainda patriarcal, tem sido de muitas conquistas, porém, há muito que ser feito. Para conhecer os significados construídos na vida e na história social das mulheres acerca da escolarização feminina na EJA, procurou-se investigar a situação dessas mulheres-alunas dentro do regime histórico-social ao qual foram submetidas desde o seu nascimento.

Constatar que a supremacia masculina tem sido um dos obstáculos enfrentados não faz com que as entrevistadas sejam submissas, muito pelo contrário, pois buscam em sua caminhada, apesar de difícil e trabalhosa, construir novos conceitos para dar significado as suas vivências. E dentre esses caminhos esta a EJA, importante política de garantir acesso aos processos educativos e como estratégia para uma possível transformação social seja ela por meio de sua participação na sociedade ou ainda pela inserção ou melhora no campo do trabalho. Há de ressaltar que houve um crescimento econômico no país após a inserção da mulher no mercado de trabalho.

As alunas relataram, também, que são nas adversidades, nos desafios e nos conflitos das suas vidas que buscam forças para continuar suas lutas e persistirem em seus objetivos, mesmo tendo como companheiro o sofrimento em vários momentos de suas vidas. Dar sentido as suas histórias e ter um papel significativo em prol dos direitos das mulheres têm feito delas, mesmo até sem terem plena consciência, grandes partícipes das lutas histórico-sociais do gênero feminino do século XXI.

REFERÊNCIAS

CANÁRIO, Rui (Ed.). (1999). **Educação de adultos**: Um campo e uma problemática. Lisboa: Educa.

EGGERT, Edla. **Narrar processos**: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação. Florianópolis: Editora mulheres, 2009.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: Uma fenomenologia feminista do mal. São Paulo, Vozes, 2000.

IBGE. PNAD, 2009. **Síntese de indicadores sociais**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao>.

KOLLONTAI, A. **Marxismo e Revolução Sexual**. São Paulo: Global Editora, 1982. Autobiografia de uma mulher emancipada. São Paulo: Sundermann, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis. Rio de Janeiro, 1994.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. 191 p. (Tradução de Angela M. S. Côrrea do original Mon histoire des femmes. Paris: Éditions du Seuil/France Culture, 2006).

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, A. Raquel. **Mulher na EJA**: Uma Análise da 'diferença' na Educação de Jovens e Adultos. In: Fazendo Gênero 7. Florianópolis: UFSC, 2006.

TELLES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Anexos.

QUESTIONÁRIO

Nome do entrevistado (Opcional):

Parte I

Qual sua idade:

Entre 18 a 30 anos

Entre 31 a 50 anos

Acima de 50 anos

Qual o seu estado civil?

Solteira

Casada

Viúva

Separação legal (judicial ou divórcio)

Outra. Qual? _____

Possui atividade remunerada?

Sim

Não

Qual cargo ou função que ocupa atualmente?

PARTE II: Perguntas sobre a trajetória escolar

Que motivos levaram você a abandonar ou não ter frequentado a escola em idade regular?

Necessidade de trabalhar

A maternidade

O casamento

O que mais motivou você voltar a estudar na EJA?

A EJA provocou alguma mudança na sua vida?

Sim. Qual?

Não. Por
quê? _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos a Senhora _____ para participar de uma pesquisa intitulada: DA LAGRIMA À LIBERDADE: A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO DE MULHERES VIÚVAS E DIVORCIADAS, que objetiva Investigar e analisar o que as mulheres estão buscando através de sua formação na EJA, a fim de compreender os fatores que motivam esta busca, desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Professora Dra. Nádia Terezinha Covolan. Consideramos que sua participação será de extrema importância,

uma vez que essa pesquisa possibilitará Conhecer os motivos pelos quais as mulheres estão frequentando a EJA. Gostaria de acrescentar que todos os cuidados éticos serão respeitados, principalmente o que concerne ao seu anonimato, confidencialidade e ao sigilo das informações que nos prestar. Os dados serão armazenados em local próprio, com acesso realizado apenas pelos pesquisadores. Os resultados do estudo poderão ser publicados apenas em eventos/periódicos de cunho científico, sempre sem a identificação dos participantes. A participação nesse estudo é voluntária e, caso a Senhora aceite participar, ainda assim, poderá desistir a qualquer momento sem qualquer consequência ou prejuízo. A participação na pesquisa não terá nenhum custo financeiro. Estou suficientemente esclarecida e dou consentimento para participar da pesquisa e, por isso, assino a seguir.

Itajaí, de outubro de 2015.

Nome da participante _____ Assinatura _____

Nome do Pesquisador _____ Assinatura _____

ATENÇÃO!

COLETAR ASSINATURAS DO PESQUISADOR E DA PARTICIPANTE.

UMA DAS VIAS FICARÁ COM A PARTICIPANTE E A OUTRA COM O PESQUISADOR